

## A FORÇA SIMBÓLICA DOS DOIS FRANCISCOS NA REAPROXIMAÇÃO ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES

Osman Santana Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo através de um estudo comparado intenta compreender os modelos de pobreza e simplicidade evocados a partir do santo de Assis, a saber, Francisco de Assis, que viveu no sec. XIII, e sua forte influência na vida e pontificado atual do Papa Francisco. A própria conjuntura social do atual Vaticano, com suas mazelas e inconstâncias clericais bem como ausência de pureza (em face dos constantes escândalos sexuais trazidos a tona pela mídia) e simplicidade parece ter clamado por um modelo de inocência, humildade e pobreza. O nome papal Francisco, escolhido pelo argentino Jorge Mario Bergoglio, o 266º Papa da Igreja Católica, invoca todos esses conceitos numa tentativa inequívoca de reestruturação e renovação do poder na Santa Sé, o que parece atrair também a comunidade protestante, conforme ver-se-á nestas linhas.

**Palavras-Chave:** Símbolo. Simplicidade. Pontificado.

### ABSTRACT

This article seeks through a comparative study to understand the symbolic models evoked from the Saint of Assisi, namely, Francis of Assisi, sec. XIII, and its strong influence on the life and pontificate of Pope Current Francisco. The social context of the current Vatican itself, with its warts and clerical inconsistencies and lack of purity (judging by the constant sex scandals) and simplicity seems to have been clamoring for a model of simplicity, innocence, humility and poverty. The name Francisco invokes these concepts, but also attracts a lot of doctrinal discrepancy which is invoked on a thread here at least interesting.

**Keywords:** Symbol. Simplicity. Pontificate.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP. Bacharel em Direito (ESTÁCIO DE SÁ). Professor do Curso de Direito da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim.

## 1 INTRODUÇÃO

Francisco de Assis, nascido em Assis, cidade do interior da Itália, no final do século XII, filho de um rico comerciante, ao decidir converter-se ao cristianismo, pareceu demonstrar uma profunda e contundente revolta ao modelo eclesial da época, ao negar completamente as posses de sua herança e riquezas materiais e dedicar-se ao cuidado de pobres e doentes, bem como restaurar igrejas e pregar o amor às criaturas de Deus.

Ao que tudo indica, a proposta de vida pautada pela pobreza e a consequente prática da mendicidade de Francisco de Assis torna-se, supostamente, uma reação ao modelo político e social da época centro-medieval na Europa, marcada por um contexto de exploração da classe pobre, analfabetismo, exclusão social, especialmente feita aos leprosos e doentes diversos e ainda a gritante ausência de direitos individuais, comum ao modelo feudalista, bem como a aparente inércia da Igreja Católica, que em vez de produzir com sua influência, propostas de melhorias para os pobres da época, relega-se ao papel de subordinação pela fé, busca pela acumulação de riquezas, regalias e luxo, vividos à época pelo alto escalão clerical.

Passados mais de 800 anos e o Santo de Assis ainda permeia o ideário de fé e solidariedade de muitos religiosos. De Católicos a protestantes, o Santo de Assis deixou muitos exemplos e admiradores. Sua história marcada pela humildade, abnegação e cuidado para com seu semelhante, recentemente serviu também de parâmetro e inspiração para o então novo Papa, sucessor de Joseph Ratzinger, que buscou assumir sua postura, sua pregação e seu nome.

O Papa Francisco, nascido Jorge Mario Bergoglio, é o 266.º Papa da Igreja Católica e atual chefe de estado do Vaticano, sucedeu o Papa Bento XVI, que abdicou ao papado em 28 de fevereiro de 2013, e de forma similar ao Santo de Assis, tem buscado, através de gestos, atitudes e regras, aproximar-se do que se poderia chamar de uma nova atitude papal, numa imitação ao santo.

Ao que tudo indica o Papa Francisco, com sua postura mais simples e humilde, tenta reagrupar classes sociais, há muito deslocadas da fé católica, quiçá, pela ausência

de modelos e exemplos de bondade, simplicidade e fraternidade. O Papa enxergou esse exemplo em Francisco de Assis, e por conta disso, tem buscado imitá-lo. A grande questão é: O Papa ao usar esse símbolo, não estaria apenas utilizando de subterfúgios para acalmar ânimos e setores da igreja um tanto “corrompida” pela secularização e pelo poder?

## 2 OS DOIS FRANCISCOS: HISTÓRIA E VIDA COMPARADAS

Contra o enriquecimento da igreja, a partir do século XIII, dá-se o surgimento de várias ordens mendicantes que denunciam os excessos, o luxo das instituições eclesiais e ensinam uma vida pautada pela pobreza e autonegação. Como representantes magistras dessas doutrinas encontram-se as ordens franciscana e dominicana, que tiveram como fundadores São Francisco de Assis e São Domingos, tidos como pilares da perseguição da pobreza de Cristo, característica essencial para a salvação sob o ponto de vista desses dois religiosos.

Sem dúvida o maior de todos os propagadores da prática da pobreza e da mendicância foi o Santo de Assis. Francisco de Assis (1182-1226) filho de um homem de negócios nasceu em uma comuna que, segundo Georges Duby (1979), se alegava cátara:

O catarismo (do grego καθαρός [katharós], "puro") foi uma seita cristã politeísta, principal motivo pelo qual foi considerada como heresia, surgida no Languedoc e no norte da península Itálica ao final do século XI. As suas ideias constituíam-se num amálgama de conceitos cristãos, gnósticos e maniqueístas (CARDINI, 2010, acesso em 26 nov. 2013).

Em sua juventude levava uma vida luxuriosa e mundana: compunha canções de amor e se via as voltas em aventuras cavaleirescas. Converteu-se ao cristianismo, quando já adulto, repudiou o catarismo, e passou a idolatrar ao culto de Cristo, nos primeiros anos do século XIII. Despojou-se de seus adornos e dinheiro. Passou, então, a ser “jogral de Deus” (DUBY, 1979, p. 145). A partir de então, passou a levar uma vida guiada pela pobreza de Cristo e a pregar a abstinência do luxo, a penitência e a mendicância, bem como a beleza do mundo natural.

A imagem de Francisco de Assis no âmbito religioso é reconhecidamente uma das

mais famosas e interessantes. O sincero praticante da religião há de encontrar no santo um grande exemplo de abnegação e singeleza. A vida de Francisco de Assis, quando estudada por qualquer vertente de linha teológica cristã, consegue enxergar um elo inédito de tolerância e de extraordinário e raro consenso entre protestantes e católicos, e até mesmo entre praticantes de outras religiões:

[...] Sua figura atrai praticamente a todos, provavelmente porque (ao contrário da maioria dos santos) ele não é propriedade da Igreja Católica Romana. Sua primeira grande biografia moderna foi escrita por um protestante francês; um dos mais importantes historiadores do franciscanismo foi um bispo anglicano; um ortodoxo grego é autor de um vigoroso romance sobre sua vida; e para ser fotografado em uma conferência de paz em Assis, o Dalai Lama quis sentar-se no lugar que Francisco amava, e no qual morreu (SPOTO, 2003, p. 22).

Em referência ao santo, ainda hoje, para uma grande parcela de católicos, a prática da pobreza e mendicância é sinal de santidade, abnegação, humildade profunda e até mesmo relevante condição para atingir a salvação. Orbita o grau maior de semelhança com aquele que havia afirmado que de tão pobre, não “possuía sequer um lugar para reclinar a cabeça” (Mateus 8:20).

Da pobreza à santidade, segundo Sofia Boesh Gajano (2006) , sob uma perspectiva cristã, arranja-se uma construção que se faz através da percepção da excepcionalidade de caráter de um homem ou de mulher que atenta por regradar sua vida conforme inspirações em modelos gerais (Cristo) ou dentro dos preceitos religiosos estabelecidos. Assim, infere-se grande importância na disciplina do corpo, pois “é a realidade física na qual o percurso espiritual se coloca em evidência” (GAJANO, 2006, p. 462).

Por outro lado, parece sugerir intensas contradições, mesmo na ordem hierárquica, já que a classe clerical mais alta, quase sempre ostentou riqueza, luxo, corrupção e luta pelo poder;

Esses mecanismos são fartamente conhecidos dos historiadores e envolviam desde os mais baixos funcionários até o papado. A própria implantação do tribunal em Portugal foi acompanhada por negociações que retardaram o processo à custa de muito ouro recolhido aos cofres do Vaticano (LIMA, 1999, p. 20).

Nesse diapasão, surgem dois ideários fundamentais totalmente antagônicos na história da igreja: por um lado, prega-se voto de pobreza como referência de santidade, fé e salvação, a exemplo de São Domingos e São Francisco de Assis, como aduz Vauchez (1995, p. 127): “quando eu ainda estava nos pecados, a visão dos leprosos era-me insuportável; mas o senhor conduziu-me para junto deles e cuidei-os com todo o meu coração”.

Por outro lado, numa perspectiva doutrinária fundamentalmente oposta à perspectiva católica, está a visão protestante, que visualiza no trabalho e na prosperidade a benção maior divina; assim, nesse prospecto questiona-se: como conciliar toda essa percepção de santidade e salvação advindos da pobreza e simplicidade com os acervo econômico da Igreja Romana no século XXI? Até que ponto as premissas de simplicidade e pobreza do atual reinado do Papa Francisco, refletem repúdio aos excessos do luxo e da mercantilização da igreja atual? .

Assim brotam as grandes inquietações: Com respeito ao atual pontífice, percebe-se uma pretensa busca de amoldar-se aos parâmetros gerais estabelecidos por Assis, em especial na postura e no discurso de pobreza e humildade, evocando um símbolo há muito esquecido, o que o torna um tanto diferenciado dos seus antecessores.

[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem (BORDIEU, 1989, p. 08).

Quiçá, a igreja dos tempos modernos, intensamente bombardeada pelos exemplos nefastos de maus clérigos, especialmente os sexualmente degenerados, sagra-se como uma tentativa de expurgar o materialismo e secularismo, buscando inspiração no símbolo emanado da simplicidade e pureza do santo de Assis.

O penetrante modo de vida de Francisco nos faz conjecturar que, contra a Igreja, Francisco não proferiu duras pregações, entretanto, sua vida exemplar ecoou pelo sistema asperamente, pois tudo indica que ele a reformou por dentro. Sua prática mendicante era como que perguntasse qual era o destino dado aos dízimos e às ofertas, legitimamente cobrados e ilegalmente administrados pelo sistema eclesiástico, pois não era possível que passasse despercebido por Francisco o modo de vida luxuoso do clero, enquanto o povo sofria falta de absolutamente tudo, menos de exploração.

(GONZALEZ, 2000, p. 125).

A proposta de vida pautada pela pobreza e a conseqüente prática da mendicância de Francisco de Assis torna-se, supostamente, uma reação ao modelo político e social da época centro-medieval na Europa, marcada por um contexto de exploração da classe pobre, analfabetismo, exclusão social, especialmente feita aos leprosos e doentes diversos e ainda a gritante ausência de direitos individuais, comum ao modelo feudalista, bem como a aparente inércia da Igreja Católica, que em vez de produzir com sua influência, propostas de melhorias para os pobres da época, relega-se ao papel de busca pela acumulação de riquezas, regalias e luxo, vividos à época pelo alto escalão clerical.

Em contrapartida, supõe-se que o modelo de gestão papal do atual Pontífice Francisco, carrega os mesmos contornos reacionários de São Francisco em relação aos colegas anteriores, que apesar de toda riqueza do Vaticano, toda pompa e circunstância, pouco fizeram acerca da pobreza gritante dos países subdesenvolvidos, dos altos índices de analfabetismo e exclusão social no mundo e a ausência de punição e até conivência pela exploração sexual infantil praticada pelo próprio clero.

Diferentemente do ideal mendicante proveniente do período medieval aqui recortado, a saber, século XIII, que anuncia a pobreza e a prática da mendicância como requisitos para o perdão dos pecados e a aquisição da indulgência, os protestantes, desde sua origem, alicerçados no sentimento de revolta pelos abusos sofridos nos tribunais da inquisição, dispõem-se a trabalhar com afinco, valorizando o trabalho e sua recompensa, conforme Weber aduz:

Os resultados de tais circunstâncias favorecem os protestantes, até hoje, na sua labuta pela existência econômica. Surge assim a indagação histórica: porque os lugares de maior desenvolvimento econômico foram, ao mesmo tempo, particularmente propícios a uma revolução dentro da Igreja? A resposta não é tão simples como se poderia pensar (WEBER, 2004, p.12).

E continua:

Resta, por outro lado, observar o fato de os protestantes (especialmente certos ramos do movimento, que serão amplamente discutidos adiante), quer como classe dirigente, quer como subordinada, tanto em maioria como em minoria, terem mostrado uma especial tendência para desenvolver o

racionalismo econômico, fato que não pode ser observado entre os católicos em qualquer das situações citadas. A explicação principal de tais diferenças deve pois ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas situações temporárias externas, históricas e políticas (WEBER, 2004, p. 14).

O trabalho braçal, em especial no campo, sempre foi tido como uma benção divina. O próprio Velho Testamento, no livro de Genesis, afirma que o “homem deve comer do suor do seu rosto” (Genesis 3:19). A prática de Mendicância foi uma apologia à vida de Cristo, que certa vez se disse tão pobre a ponto de não ter onde reclinar a cabeça. Daí, várias interpretações foram formalizadas, o que acabou por solidificar muitos dogmas. Para Weber, o trabalho, na ética protestante; Em particular, apresenta se como defesa específica contra todas as tentações que o puritanismo agrupou sob o nome de vida impura, cujo papel nunca foi insignificante (WEBER, 1999, p. 74).

Assim, os protestantes criaram no decorrer de sua história originada no Século. XVI, a partir de Martinho Lutero, um novo pensamento, uma nova ideologia e, por conseguinte, uma nova maneira de interpretar as Escrituras, favorecendo o crescimento material e o enriquecimento.

## **2.1 Mitigações de Diferenças Entre Católicos e Protestantes**

Com as novas propostas inauguradas pelo Papa Francisco, espera-se uma reestruturação nas posturas entre protestantes e católicos, principalmente no que diz respeito à diminuição aos abismos relacionais, uma vez que Francisco de Assis, sempre foi admirado e respeitado pelos dois blocos religiosos.

A força do símbolo e do nome Francisco parece estar dando certo nesse processo de reaproximação, quando se observa, por exemplo, a recepção dada ao Papa, em sua visita ao maior país protestante do mundo, como relatado na notícia intitulada: “Agenda do papa nos Estados Unidos inclui desafios políticos e religiosos” da Agencia Brasil EBC, do dia 23 de setembro, aqui colacionada um trecho da reportagem.

Uma pesquisa encomendada pelo Washington Post ABC News, no ultimo

domingo, revelou que 70% dos norte-americanos tem uma “impressão favorável” do papa Francisco (FELIPE, 23 set. 2015, acesso em 12/11/2015).

Finalmente, entende-se claramente que a imagem e postura do santo de Assis invocada pelo Papa tem se tornado mais frequentes, em suas aparições e visitas pelo mundo, numa demonstração de imitação e repetição de postura, o que parece agradar os outrora, tão afastados protestantes, que por séculos se posicionaram antagônicos e em alguns momentos até beligerantes. Surpreendentemente o nome Francisco tem alterado esses paradigmas.

### **3 DISPOSIÇÕES FINAIS**

Tomando como base a historicidade de Francisco de Assis, percebe-se que a escolha do nome do atual Papa não se pautou somente na identificação e gosto pessoal. Existe toda uma busca cultural, social e religiosa que o próprio nome evoca. Um símbolo de humildade e simplicidade que atravessou os séculos.

O Papa Francisco carrega em seu nome essa forte simbologia capaz de criar um novo modelo de papado, em suas posturas, em suas palavras e em sua administração.

A nova construção de governo papal que se busca em Jorge Bergólio tem muito a ver com os contornos reacionários criados por Francisco de Assis, quando de sua “revolução” religiosa no início do Século XIII. Assim, serve de parâmetro para renovação e restauração de muitas práticas do clero moderno.

Outra questão observada é a perseguição do modelo de pobreza do santo visível no atual Papa. Essa é outra “estratégia” para tentar dirimir com os excessos do Vaticano. O Papa Francisco tem buscado um pontificado simples, com ausência de ostentação. Essa característica pode ser muito bem aproveitada do Santo de Assis.

Em suma, Francisco de Assis sempre será um ícone histórico de grande relevância social e religiosa. Discutir sua doutrina e sua vida é discutir também sociologia e teologia. É aprender com a história.

#### 4 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In :\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa : DIFEL, 1989.

CARDINI, Franco. Francisco de Assis era cátaro? **Instituto Humanitas Unisinos**. 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/30327-francisco-de-assis-era-cataro>>. Acesso em 26 de nov.de 2013.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais: a arte e a sociedade 980-1420**. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

FELIPE, Leandra. Agenda do Papa nos Estados Unidos inclui desafios políticos e religiosos. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-09/agenda-do-papa-nos-estados-unidos-inclui-desafios-politicos-e-religiosos>; Acesso em 12 nov. 2015.

GAJANO, Sofia Boesch. **Santidade**. In: LE GOFF, Jacques e SHMITT, Jean-Claude (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2006. v. II

GONZALEZ, Justo L. **E até aos confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 4

LIMA, Lana Lage da Gama. O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição: o suspeito é o culpado? **Revista de Sociologia e Política**, n. 13, nov. de 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n13/a02n13.pdf>>. Acesso em 26 de nov. de 2013.

SPOTO, Donald. **Francisco de Assis: o santo relutante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

VAUCHEZ, Maurice. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília-DF: UNB, 1999. v.2.